

Pronomes Pessoais

LINGUAGENS,
CÓDIGOS E SUAS
TECNOLOGIAS

Competência(s):
1, 6 e 8

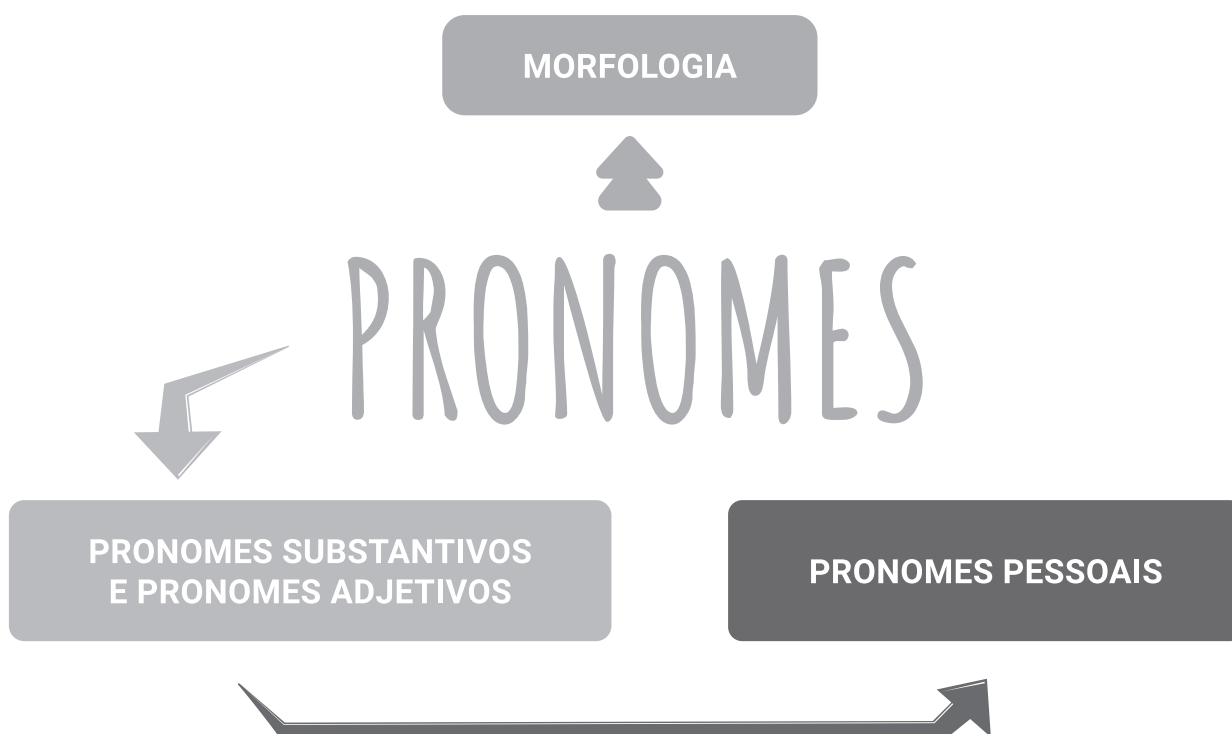
Habilidade(s):
1, 2, 3, 18 e 27

AULAS
11 E 12

VOCÊ DEVE SABER!

- Pronome
- Pronomes substantivos x pronomes adjetivos
- Pronomes pessoais
- Casos especiais de uso dos pronomes átonos
- Pronome reflexivo
- Pronomes de tratamento
- Primeiras aplicações sintáticas

MAPEANDO O SABER



ANOTAÇÕES



EXERCÍCIOS DE SALA

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema “Ausência”, de Carlos Drummond de Andrade.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

(Corpo, 2015.)

1. (UNESP 2021) Os três pronomes “a” do poema referem-se, respectivamente, a
- ausência, falta, ausência.
 - ausência, ausência, falta.
 - falta, falta, ausência.
 - falta, ausência, ausência.
 - falta, ausência, falta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto “Aquela triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525? – 1580), para responder à(s) questão(ões).

Aquela triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio
que, de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

(Sonetos, 2001.)

2. (UNIFESP) O pronome “Ela”, que se repete no início de três estrofes, refere-se a
- “piedade”.
 - “mágoa”.
 - “saudade”.
 - “claridade”.
 - “madrugada”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) abordam uma passagem da peça teatral *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett (1799-1854).

Cena V – JORGE, MADALENA E MARIA

JORGE – Ora seja Deus nesta casa!
(*Maria beija-lhe o escapulário e depois a mão; Madalena somente o escapulário.*)

MADALENA – Sejais bem-vindo, meu irmão!

MARIA – Boas tardes, tio Jorge!

JORGE – Minha senhora mana! A bênção de Deus te cubra, filha! Também estou desassossegado como vós, mana Madalena: mas não vos aflijais, espero que não há de ser nada. É certo que tive umas notícias de Lisboa...

MADALENA (*assustada*) – Pois que é, que foi?

JORGE – Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejais prevenida, por isso vo-lo digo. Os governadores querem sair da cidade... é um capricho verrdadeiro... Depois de aturarem metidos ali dentro toda a força da peste, agora que ela está, se pode dizer, acabada, que são raríssimos os casos, é que por força querem mudar de ares.

MADALENA – Pois coitados!...

MARIA – Coitado do povo! Que mais valem as vidas deles? Em pestes e desgraças assim, eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até a última, onde a miséria fosse mais e o perigo maior, para atender com remédio e amparo aos necessitados. Pois, rei não quer dizer pai comum de todos?

JORGE – A minha donzela Teodora! Assim é, filha, mas o mundo é doutro modo: que lhe faremos?

MARIA – Emendá-lo.

JORGE (*para Madalena, baixo*) – Sabeis que mais? Tenho medo desta criança.

MADALENA (*do mesmo modo*) – Também eu.

JORGE (*alto*) – Mas enfim, resolveram sair: e sabereis mais que, para corte e “buen retiro” dos nossos cinco reis, os senhores governadores de Portugal por D. Filipe de Castela, que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa vila de Almada, que o deveu à fama de suas águas sadias, ares lavados e graciosa vista.

MADALENA – Deixá-los vir.

JORGE – Assim é: que remédio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre Convento de São Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do governo. Bom prelado é ele; e, se não fosse que nos tira do humilde sossego de nossa vida, por vir como senhor e príncipe secular... o mais, paciência. Pior é o vosso caso...

MADALENA – O meu!

JORGE – O vosso e de Manuel de Sousa: porque os outros quatro governadores – e aqui está o que me mandaram dizer em muito segredo de Lisboa – dizem que querem vir para esta casa, e pôr aqui ²aposentadoria.

MARIA (*com vivacidade*) – Fechamos-lhes as portas. Metemos a nossa gente dentro – o ³terço de meu pai tem mais de seiscentos homens – e defendemo-nos. Pois não é uma tirania?... E há de ser bonito!... Tomara eu ver seja o que for que se pareça com uma batalha!

JORGE – Louquinha!

MADALENA – Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros governadores, para nos fazerem esse desacato? Não há por aí outras casas; e eles não sabem que nesta há senhoras, uma família... e que estou eu aqui?...

(Teatro, vol. 3, 1844.)

¹escapulário: faixa de tecido que frades e freiras de certas ordens religiosas cristãs usam pendente sobre o peito.

²pôr aposentadoria: ficar, morar.

³terço: corpo de tropas dos exércitos português e espanhol dos séculos XVI e XVII.

3. (UNESP) “Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejais prevenida, por isso vo-lo digo.”

Em relação à forma verbal “digo”, os pronomes oblíquos átonos “vo-lo” atuam, respectivamente, como

- objeto direto e objeto indireto.
- objeto indireto e objeto direto.
- objeto direto e predicativo do objeto.
- sujeito e objeto direto.
- sujeito e predicativo do sujeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca.

Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

4. (UNESP) “Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.” (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.
 - b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.
 - c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.
 - d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
 - e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
5. (UNIFESP) Analise a capa de um folder de uma campanha de trânsito.



Explicitando-se os complementos dos verbos em “Eu cuido, eu respeito.”, obtém-se, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa:

- a) Eu a cuido, eu respeito-lhe.
- b) Eu cuido dela, eu lhe respeito.
- c) Eu cuido dela, eu a respeito.
- d) Eu lhe cuido e respeito.
- e) Eu cuido e respeito-a.

Leia a charge a seguir para responder a questão 6.



(<http://otempo.com.br>, 19.06.2016. Adaptado.)

6. (MED UNESP - UNISA 2019) De acordo com a norma-padrão, as lacunas da charge devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- (A) feijões - enrolem-nos - vasilha.
- (B) feijão - enrolem estes - vasilha.
- (C) feijões - enrolem-os - vasilha.
- (D) feijão - enrolem-os - vasilha.
- (E) feijões - enrolem eles - vasilha.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Não é um dado natural, mas sim uma construção. Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente. O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios.

(Jacques Le Goff)

Quando pensamos na relação entre memória e construção do que somos como seres humanos, chegamos à conclusão de que há certa autonomia na forma como administramos a vida que construímos e a que herdamos. Consciente ou inconscientemente, escolhemos o que lembrar e o que esquecer como caminho para dar sentido ao nosso passado e desenhar nosso futuro.

Ao optarmos pelo tema **memória**, desejamos contribuir com reflexões acerca do papel de cada um de nós nesse processo.

Imaginemos uma situação. Há muitos e muitos anos. Alguém chega a uma terra estranha e inexplorada. Trata de se situar, ver onde há água, de ¹onde vem o vento, que animais e plantas existem nas redondezas. Após algumas tentativas fracassadas, conclui que ²certo ³ponto é o ⁴local mais adequado para providenciar um ⁵abrigo. ⁶Trata de construí-lo e torná-lo o mais confortável possível. Depois encontra alguns vizinhos distantes, com outras vivências diferentes. Trocam experiências, fazem amizade, incorporam mutuamente as descobertas um do outro. Em mais algum tempo, constitui-se um novo núcleo familiar. A casa cresce, ganha uma plantação, um cercadinho para os animais. ⁷Faz-se uma estradinha e uma ponte para facilitar o convívio com os amigos. Novas e crescentes conquistas e aquisições. E assim por diante. Por várias gerações.

Alguns descendentes podem resolver explorar outros lugares. Mas levam a memória da casa, da plantação, das comidas, da ponte. Levam as ferramentas inventadas, os utensílios desenvolvidos, as lembranças acumuladas. E tudo se torna muito mais simples para eles graças a isso. Sua trajetória parte do zero, mas de vitórias e realizações anteriores.

Se um desses descendentes sofrer de uma forma de amnésia total, não conseguirá aproveitar nada do que seus ancestrais fizeram. ⁸Ele não terá a memória das outras experiências. Vai ter que começar do nada. Chegando a uma terra estranha e inexplorada, pode nem ao menos tratar de se situar, ver onde há água, de onde vem o vento, que animais e plantas existem nas redondezas... Talvez procure um abrigo na areia onde a cheia do rio o carregue ou onde as feras vêm beber água. ⁹Não aprendeu com quem viveu antes. ¹⁰Não tem uma experiência anterior que lhe informe nada. Não sabe pescar nem cozinhar, não maneja uma ferramenta, desconhece armas e utensílios. Pior ainda, pode estar em frente à casa que herdou e não saber para que serve aquilo. Pode ouvir o chamado de seus vizinhos e não entender o que lhe dizem.

Reduzido ao instinto, o pobre desmemoriado terá sua própria sobrevivência ameaçada. Um caso de trágico desperdício.

Ou então, pode-se imaginar alguém que deseja muito melhorar de vida e tem na sala uma arca cheia de tesouros que os avós e os pais lhe deixaram. Mata-se de trabalhar, mas nunca supôs que aquele baú fosse mais do que uma caixa vazia. Jamais teve o impulso de arrombá-lo ou a curiosidade de procurar uma chave que o abrisse.

¹¹Todo aquele patrimônio, ali pertinho, ao seu alcance, não lhe serve para nada. Um monumento à inutilidade. De alguma forma, toda a humanidade passa por riscos semelhantes. ¹²Temos de herança o imenso patrimônio da leitura de obras valiosíssimas que vêm se acumulando pelos séculos afora. Mas muitas vezes nem desconfiamos disso e nem nos interessamos pela possibilidade de abri-las, ao menos para ver o que há lá dentro. É uma pena e um desperdício.

¹³Talvez essa seja a primeira razão pela qual eu sempre quis explorar tudo o que eu pudesse nessa arca e, mais tarde, aproximar meus filhos dos clássicos. Porque eu sei que é um legado riquíssimo, que se trata de um tesouro inestimável que nós herdamos e ao qual temos direito. Seria uma estupidez e um absurdo não exigir nossa parte ou simplesmente abrir mão da parte que nos pertence e deixar que os outros se apoderem de tudo sem dividir conosco.

Ah, sim, porque esse risco também sempre esteve presente na história da humanidade. Tradicionalmente, a leitura devia ser para poucos porque ela é sempre um elemento de poder e podia ameaçar as minorias que controlavam os livros (e o conhecimento, o saber, a informação). Esses ideais de alfabetização para todos e acesso amplo aos livros são muito recentes na História. ¹⁴Mas como estão aí e não há mais jeito para conseguir manter a massa na ignorância total, até parece que surgiu outra tática de propósito: distrair a maioria da população

com outras coisas, para que ela nem perceba que tem uma arca cheia de um rico tesouro bem à sua disposição, pertinho, ali no canto da sala. (...)

Assim, à minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca. (...)

Direito e resistência são duas boas razões para a gente chegar perto dos clássicos. ¹⁵Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá.

(MACHADO. Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 16-19. Texto adaptado.)

1. (G1 - CMRJ 2020) “*Trata de construí-lo e torná-lo o mais confortável possível*”. (referência 6)

O emprego do pronome pessoal oblíquo é um dos recursos coesivos na construção do texto. Nesse trecho, as duas ocorrências do pronome fazem referência ao vocábulo

- a) onde (referência 1).
- b) local (referência 4).
- c) certo (referência 2).
- d) ponto (referência 3).
- e) abrigo (referência 5).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

História do humor

¹“O humor está presente na civilização desde as sociedades mais primitivas – ele é uma capacidade que o ser humano tem de olhar a realidade e ressignificá-la, tornando-a algo engraçado e conferindo-lhe olhar crítico. No passado, ele era até uma forma de sobrevivência às adversidades e de união do grupo”, de acordo com o professor da Escola de Comunicações e Artes, Ricardo Alexino Ferreira.

Alexino conta que, a partir dos anos 40, os humoristas passaram a retratar frequentemente de forma pejorativa grupos minorizados da sociedade, como negros, mulheres, idosos e deficientes. ²Segundo ele, os comediantes consideraram esse humor fácil, pois muitas vezes se limitava a imitar essas pessoas. “Parte do humor se tornou sem repertório e um reforçador de estereótipos, uma caricatura do ‘outro’”, diz.

(Fonte: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/10/quando-a-piada-perde-a-graca-e-vira-ofensa/> Acesso em: 08/09/2015)

2. (G1 - CP2 2016) Releia o trecho do texto “História do humor” a seguir:

“O humor está presente na civilização desde as sociedades mais primitivas – ele é uma capacidade que o ser humano tem de olhar a realidade e ressignificá-la, tornando-a algo engraçado e conferindo-lhe olhar crítico.” (ref. 1).

Os pronomes oblíquos “la”, “a” e “lhe” referem-se ao mesmo termo, que é

- a) “uma capacidade”.
- b) “as sociedades”.
- c) “na civilização”.
- d) “a realidade”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Tu amarás outras mulheres
E tu me esquecerás!
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto
Alguma coisa em ti pertence-me!
Em mim alguma coisa és tu.
O lado espiritual do nosso amor
Nos marcou para sempre.
Oh, vem em pensamento nos meus braços!
Que eu te afeiçoe e acaricie...

(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: *O RITMO DISSOLUTO*. POESIA COMPLETA E PROSA. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

3. (UFSCAR 2000) Manuel Bandeira usa, no poema, os pronomes pessoais com muitas variações. O pronome pessoal de primeira pessoa do singular, por exemplo, está empregado na sua forma reta e nas formas oblíquas (eu, me, mim). O mesmo acontece com o pronome pessoal de
- a) segunda pessoa do singular.
 - b) terceira pessoa do singular.
 - c) primeira pessoa do plural.
 - d) segunda pessoa do plural.
 - e) terceira pessoa do plural.

4. (ENEM PPL 2017) Fazer 70 anos

Fazer 70 anos não é simples.
A vida exige, para o conseguirmos,
perdas e perdas no íntimo do ser,
como, em volta do ser, mil outras perdas.
[...]
Ó José Carlos, irmão-em-Escorpião!
Nós o conseguimos...
E sorrimos
de uma vitória comprada por que preço?
Quem jamais o saberá?

ANDRADE, C. D. *Amar se aprende amando*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992 (fragmento).

O pronome oblíquo “o”, nos versos “A vida exige, para o conseguirmos” e “Nós o conseguimos”, garante a progressão temática e o encadeamento textual, recuperando o segmento

- a) “Ó José Carlos”.
 - b) “perdas e perdas”.
 - c) “A vida exige”.
 - d) “Fazer 70 anos”.
 - e) “irmão-sem-Escorpião”.
5. (G1 - IFSC 2014) Considere as seguintes regras relativas ao uso de pronomes oblíquos átonos:

Regra 1: O pronome a(s)/o(s) e suas variantes – la(s), na(s), lo(s), no(s) – é usado como objeto direto ou predicativo do sujeito.

Regra 2: O pronome lhe(s) é usado como objeto indireto e outros termos preposicionados (complemento nominal, adjunto adnominal de posse).

De acordo com as regras acima e respeitando a norma padrão da língua portuguesa, assinale a alternativa **CORRETA** quanto ao uso do pronome oblíquo átono destacado.

- a) Paulo sabia que a mulher **lhe** amava mais que tudo.
 - b) Marta estava nervosa, mas conseguimos tranquiliza-**la**.
 - c) O cão ainda parecia abatido. Por isso, tornei a dá-**lo** o remédio.
 - d) Convidei-**lhes** a entrar um pouco, enquanto esperavam o professor.
 - e) Chamei Cláudia e entreguei-**a** o dinheiro para as compras.
6. (INSPER 2012)



(Jornal do Brasil, 01/04/1990)

- O que motivou o apito do juiz foi
- a) a necessidade de empregar a ênclise para seguir a norma padrão.
 - b) o uso de um objeto direto no lugar de um objeto indireto.
 - c) a opção pelo pronome pessoal oblíquo “o” em vez de “a”.
 - d) a obrigatoriedade da mesóclise nessa construção linguística.
 - e) a transgressão às regras de concordância nominal relacionadas ao pronome.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A mulher e a casa

Tua sedução é menos
de mulher do que de casa:
pois vem de como é por dentro
ou por detrás da fachada.

Mesmo quando ela possui
tua plácida elegância,
esse teu reboco claro,
riso franco de varandas,

uma casa não é nunca
só para ser contemplada;
melhor: somente por dentro
é possível contemplá-la.

Seduz pelo que é dentro,
ou será, quando se abra;
pelo que pode ser dentro
de suas paredes fechadas;

pelo que dentro fizeram
com seus vazios, com o nada;
pelos espaços de dentro,
não pelo que dentro guarda;

pelos espaços de dentro:
seus recintos, suas áreas,
organizando-se dentro
em corredores e salas,

os quais sugerindo ao homem
estâncias aconchegadas,
paredes bem revestidas
ou recessos bons de cavas,

exercem sobre esse homem
efeito igual ao que causas:
a vontade de corrê-la
por dentro, de visitá-la.

Disponível em: <http://amoraroxa.blogspot.com.br/2008/02/mulher-e-casa-joo-cabral-de-melo-neto.html>. Acesso em: 24.09.2015

7. (G1 - IFBA 2016) Fazendo a análise morfosintática da última estrofe, pode-se afirmar que, em “visitá-la”:
- a) o verbo é intransitivo.
 - b) o “la” é objeto indireto.
 - c) o acento agudo é facultativo.
 - d) o “la” é complemento nominal.
 - e) o “la” é pronome oblíquo e assume a função de objeto direto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

OGX poderá ficar com campos em caso de recuperação

“A OGX está bastante avisada que, em meio a tudo isso que ela está vivendo, ela tem que ter uma fiel observância ao contrato, tem que estar atenta para o cumprimento das cláusulas contratuais”, afirmou Magda Chambriard, diretora-geral da ANP. Entre outras, as cláusulas abrangem fornecimento de garantias, realização dos planos de desenvolvimento, realização dos planos de avaliação, “enfim, todas as obrigações dos contratos que ela tem, essa uma condição ‘sine qua nom’”, completou Magda.
(Folha de SP, 17.10.2013)

8. (Espm 2016) Leia as frases do texto:

“ela tem que ter uma fiel observância ao contrato” e
“as cláusulas abrangem fornecimento de garantias”.

Se os segmentos grifados forem substituídos por pronomes pessoais oblíquos, segundo a norma, teremos:

- a) ter ela; abrangem ele.
- b) tê-la; abrangem-nas.
- c) tê-la; abrangem-no.
- d) tê-lo; abrangem-o.
- e) ter a ela; abrangem-no.

9. (ENEM 2011)



VERÍSSIMO, L. F. *As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio.* Porto Alegre: L&PM, 1997.

O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma padrão da língua, esse uso é inadequado, pois

- contraria o uso previsto para o registro oral da língua.
- contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.
- gera inadequação na concordância com o verbo.
- gera ambiguidade na leitura do texto.
- apresenta dupla marcação de sujeito.

10. (ESPCEX (AMAN) 2019) Analise as duas frases abaixo:

- Os ladrões estão roubando! Prendam-nos!
- Somos os assaltantes! Prendam-nos!

Assinale a alternativa cuja descrição gramatical dos termos sublinhados está correta.

- Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural.
- Ambos são pronomes pessoais oblíquos referentes à 1ª pessoa do plural.
- Em I, “nos” é pronome reto da 3ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome reto da 1ª pessoa do plural.
- Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.
- Ambos são pronomes pessoais retos referentes à 1ª pessoa do plural.

11. (PUCPR 2022) O trecho de reportagem a seguir é referência para a próxima questão.

Este ano é um ano de libertação para Charlotte Gainsbourg (Londres, 50 anos). (...). **“Para mim, foi** difícil deixar para trás os seis anos que moramos em Nova York, em que fui muito feliz, e voltar a Paris, a cidade que conheço tão bem com todos os seus fantasmas. Percebi que este ano estava dedicado aos meus pais, que foi uma necessidade”.

Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-08-28/charlotte-gainsbourg-nunca-gostei-de-mim-mesma-perto-da-minha-mae-tinha-vergonha-de-mim.html>>.

Acesso em: 29/8/21.

A combinação “Para mim, foi”, destacada no texto, é

- incorreta porque o pronome oblíquo “mim” não pode anteceder verbo.
- inadequada porque o pronome deveria ser “eu” para ser sujeito do verbo.
- uma maneira de representar a informalidade da fala da artista, traduzida do francês.
- correta porque o pronome pessoal não ocupa a função de sujeito.
- adequada porque exerce função de objeto direto na organização da frase em que ocorre.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto “Não comerei da alface a verde pétala”, de Vinicius de Moraes.

Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez pouco elegantes para um poeta
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor; nasci
Omnívoro; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati
E eu morrerei, feliz, do coração
De ter vivido sem comer em vão.

(Vinicius de Moraes. *Livro de sonetos*, 2009.)

12. (FCMSCSP 2022) Objeto direto enfático: Por ênfase ou realce, é lícito repetir o objeto direto por meio de um pronome oblíquo.

(Domingos Paschoal Cegalla. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, 2009. Adaptado.)

Ocorre objeto direto enfático no seguinte verso:

- a) “Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta” (2ª estrofe)
- b) “E a quem mais aprouver fazer dieta.” (1ª estrofe)
- c) “Cajus hei de chupar, mangas-espadas” (2ª estrofe)
- d) “Não comerei da alface a verde pétala” (1ª estrofe)
- e) “Omnívoro; deem-me feijão com arroz” (3ª estrofe)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando a rede vira um vício

Com o título “Preciso de ajuda”, fez-se um desabafo aos integrantes da comunidade Viciados em Internet Anônimos: “Estou muito dependente da web, Não consigo mais viver normalmente. Isso é muito sério». Logo obteve resposta de um colega de rede. «Estou na mesma situação. Hoje, praticamente vivo em frente ao computador. Preciso de ajuda.» O diálogo dá a dimensão do tormento provocado pela dependência em Internet, um mal que começa a ganhar relevo estatístico, à medida que o uso da própria rede se dissemina. Segundo pesquisas recém-conduzidas pelo Centro de Recuperação para Dependência de Internet, nos Estados Unidos, a parcela de viciados representa, nos vários países estudados, de 5% (como no Brasil) a 10% dos que usam a web — com concentração na faixa dos 15 aos 29 anos. Os estragos são enormes. Como ocorre com um viciado em álcool ou em drogas, o doente desenvolve uma tolerância que, nesse caso, o faz ficar on-line por uma eternidade sem se dar conta do exagero. Ele também sofre de constantes crises de abstinência quando está desconectado, e seu desempenho nas tarefas de natureza intelectual despenca. Diante da tela do computador, vive, aí sim, momentos de rara euforia. Conclui uma psicóloga americana: “O viciado em internet vai, aos poucos, perdendo os elos com o mundo real até desembocar num universo paralelo — e completamente virtual”.

Não é fácil detectar o momento em que alguém deixa de fazer uso saudável e produtivo da rede para estabelecer com ela uma relação doentia, como a que se revela nas histórias relatadas ao longo desta reportagem. Em todos os casos, a internet era apenas “útil” ou “divertida” e foi ganhando um espaço central, a ponto de a vida longe da rede ser descrita agora como sem sentido. Mudança tão drástica se deu sem que os pais atentassem para a gravidade do que ocorria. “Como a internet faz parte do dia a dia dos adolescentes e o isolamento é um comportamento típico dessa fase da vida, a família raramente detecta o problema antes de ele ter fugido ao controle”, diz um psiquiatra. A ciência, por sua vez, já tem bem mapeados os primeiros sintomas da doença. De saída, o tempo na internet aumenta — até culminar, pasme-se, numa rotina de catorze horas diárias, de acordo com o estudo americano. As situações vividas na rede passam, então, a habitar mais e mais as conversas. É típico o aparecimento de olheiras profundas e ainda um ganho de peso relevante, resultado da frequente troca de refeições por sanduíches — que prescindem de talheres e liberam uma das mãos para o teclado. Gradativamente, a vida social vai se extinguindo. Alerta outra psicóloga: “Se a pessoa começa a ter mais amigos na rede do que fora dela, é um sinal claro de que as coisas não vão bem”.

Os jovens são, de longe, os mais propensos a extrapolar o uso da internet. Há uma razão estatística para isso — eles respondem por até 90% dos que navegam na rede, a maior fatia —, mas pesa também uma explicação de fundo mais psicológico, à qual uma recente pesquisa lança luz. Algo como 10% dos entrevistados (viciados ou não) chegam a atribuir à internet uma maneira de “aliviar os sentimentos negativos”, tão típicos de uma etapa em que afloram tantas angústias e conflitos. Na rede, os adolescentes sentem-se ainda mais à vontade para expor suas ideias. Diz um outro psiquiatra: “Num momento em que a própria personalidade está por se definir, a internet proporciona um ambiente favorável para que eles se expressem livremente”. No perfil daquela minoria que, mais tarde, resvala no vício se vê, em geral, uma combinação de baixa autoestima com intolerância à frustração. Cerca de 50% deles, inclusive, sofrem de depressão, fobia social ou algum transtorno de ansiedade. É nesse cenário que os múltiplos usos da rede ganham um valor distorcido. Entre os que já têm o vício, a maior adoração é pelas redes de relacionamento e pelos jogos on-line, sobretudo por aqueles em que não existe noção de começo, meio ou fim.

Desde 1996, quando se consolidou o primeiro estudo de relevo sobre o tema, nos Estados Unidos, a dependência em internet é reconhecida — e tratada — como uma doença. Surgiram grupos especializados por toda parte. “Muita gente que procura ajuda ainda resiste à ideia de que essa é uma doença”, conta um psicólogo. O prognóstico é bom: em dezoto semanas de sessões individuais e em grupo, 80% voltam a níveis aceitáveis de uso da internet. Não seria factível, tampouco desejável, que se mantivessem totalmente distantes dela, como se espera, por exemplo, de um alcoólatra em relação à bebida. Com a rede, afinal, descortina-se uma nova

dimensão de acesso às informações, à produção de conhecimento e ao próprio lazer, dos quais, em sociedades modernas, não faz sentido se privar. Toda a questão gira em torno da dose ideal, sobre a qual já existe um consenso acerca do razoável: até duas horas diárias, no caso de crianças e adolescentes. Quanto antes a ideia do limite for sedimentada, melhor. Na avaliação de uma das psicólogas, “Os pais não devem temer o computador, mas, sim, orientar os filhos sobre como usá-lo de forma útil e saudável”. Desse modo, reduz-se drasticamente a possibilidade de que, no futuro, eles enfrentem o drama vivido hoje pelos jovens viciados.

Silvia Rogar e João Figueiredo, *Veja*, 24 de março de 2010. Adaptado.

13. (G1 - COL. NAVAL 2011) Assinale a opção em que está correto o emprego do pronome pessoal.
- Os viciados em Web são reais. Precisamos ajudar-lhes.
 - Podemos ter relacionamentos virtuais, mas não devemos priorizá-los.
 - A Internet é útil e pode ser produtiva. Não devemos atribuí-la a culpa pelo uso exagerado.
 - Os filhos mais jovens costumam extrapolar o limite de horas na internet. Por isso, os pais devem orientar-lhes.
 - Os estragos para os jovens que não sabem tirar proveito da Web são enormes. Usam-a compulsivamente, a ponto de perderem os elos com o mundo real.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais. Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburí ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma

de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburu ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburu e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contenta da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

14. (EFOMM 2021) Assinale a opção em que a palavra sublinhada é um pronome pessoal.

- a) “Diga-se a verdade; não o fez - ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos.”
- b) “O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência.”
- c) “[...] o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário.”
- d) “O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito.”
- e) “[...] fez-me ver que os que ficavam, não seriam menos exemplares do que esse.”

Leia o texto para responder a(s) questão(ões).

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, no entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – ¹eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. ²Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: “Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?”, a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vi envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ansia foi, pois, de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um “crime passionnal”. *Cherchez la femme**. Depois, a vítima, um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas.

³E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Attingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, “nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados* que, muitas vezes, acabam no suicídio.

* *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

15. (UNIFESP 2015) Quando se quer chamar atenção para o Objeto Direto que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama Objeto Direto Pleonástico, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono.

(Celso Cunha e Lindley Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*, 2000.)

Verifica-se a ocorrência de objeto direto pleonástico em:

- “As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados*”
 - “Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses.”
 - “Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.”
 - “Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem.”
 - “Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer.”
16. (G1 - CP2 2012) “Todo dia duzentos milhões de pessoas levam suas vidas em português. Fazem negócios e escrevem poemas. Brigam no trânsito, contam piadas e declaram amor. Todo dia, a língua portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos, e que ela acolhe como filhos. Língua da qual povos colonizados se apropriaram e que devolvem agora, reinventada. Língua que novos e velhos imigrantes levam consigo para dizer certas coisas que nas outras não cabe. Toda noite, duzentos milhões de pessoas sonham em português.”

(Texto de abertura do filme *Língua – vidas em português*, de Victor Lopes)

No texto, há um pronome pessoal usado para substituir a expressão “**a língua portuguesa**”. Transcreva-o.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

LXXII

Uma Reforma Dramática

Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho. Eles chegam a seu tempo, até que o pano cai, apagam-se as luzes, e os espectadores vão dormir. Nesse gênero há porventura alguma coisa que reformar, e eu proporia, como ensaio, que as peças começassem pelo fim.

Otelo mataria a si e a Desdêmona no primeiro ato, os três seguintes seriam dados à ação lenta e decrescente do ciúme, e o último ficaria só com as cenas iniciais da ameaça dos turcos, as explicações de Otelo e Desdêmona, e o bom conselho do fino Iago: “Mete dinheiro na bolsa.” Desta maneira o espectador, por um, acharia no teatro a charada habitual que os periódicos lhe dão, porque os últimos atos explicariam o desfecho do primeiro, espécie de conceito, e, por outro lado, ia para a cama com uma boa impressão de ternura e de amor:

CXXXV

Otelo

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente Otelo, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência. Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço, - um simples lenço! - e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não me pude furtar à observação de que um lenço bastou a acender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo. Os lenços perderam-se, hoje são precisos os próprios lençóis, alguma vez nem lençóis há, e valem só as camisas. Tais eram as ideias que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, à medida que o mouro rolava convulso, e Iago destilava a sua calúnia. Nos intervalos não me levantava da cadeira; não queria expor-me a encontrar algum conhecido. As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, enquanto os homens iam fumar. Então eu perguntava a mim mesmo se alguma daquelas não teria amado alguém que jazesse agora no cemitério, e vinham outras incoerências, até que o pano subia e continuava a peça. O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvei as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público.

Machado de Assis, *Dom Casmurro*

17. (Fuvest 1992) Este é o segundo período do capítulo LXXII: “Eles chegam a seu tempo, até que o pano cai, apagam-se as luzes, e os espectadores vão dormir. ”

- O pronome pessoal do caso reto da terceira pessoa do plural que inicia a frase retoma que termos da frase anterior?
- Explique por que esse pronome está no masculino plural.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(BANDEIRA, Manuel. *O Bicho*. In: MANUEL BANDEIRA. POESIA E PROSA. Rio de Janeiro, Aguillar, 1958 vol. I, p.356)

18. (UNESP 1989 - ADAPTADA) “Vi ontem UM BICHO

Na imundície do pátio
Catando COMIDA entre os detritos”

Reescreva a estrofe acima, substituindo os termos em maiúsculo pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

LIVRO DO ECLESIASTES - Introdução

- 1 Palavras do Eclesiastes filho de David, rei de Jerusalém.
- 2 Vaidade de vaidades, disse o Eclesiastes; vaidade de vaidades, tudo é vaidade.
- 3 Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?
- 4 Uma geração passa, e outra geração lhe sucede; mas a terra permanece sempre estável.
- 5 O sol nasce e põe-se, e torna ao lugar donde partiu, e, renascendo aí,
- 6 dirige o seu giro para o meio-dia, e depois declina para o norte; o vento corre, visitando tudo em roda, e volta a começar os seus circuitos.
- 7 Todos os rios entram no mar, e o mar nem por isso trasborda; os rios voltam ao mesmo lugar donde saíram, para tornarem a correr.
- 8 Todas as coisas são difíceis; o homem não as pode explicar com palavras. O olho não se farta de ver, nem o ouvido se cansa de ouvir.
- 9 O que é que foi? É o mesmo que há de ser. Que é o que se fez? O mesmo que se há de fazer.
- 10 Não há nada novo debaixo do sol, e ninguém pode dizer: eis aqui está uma coisa nova, porque ela já existiu nos séculos que passaram antes de nós.
- 11 Não há memória das coisas antigas, mas ambém não haverá memória das coisas que hão de suceder depois de nós entre aqueles que viverão mais tarde.
- 12 Eu, o Eclesiastes, fui rei de Israel em Jerusalém,
- 13 e propus no meu coração inquirir e investigar sabiamente todas as coisas que se fazem debaixo do sol. Deus deu esta penosa ocupação aos filhos dos homens, para que se ocupassem nela.
- 14 Vi tudo o que se faz debaixo do sol, e achei que tudo era vaidade e aflição de espírito.
- 15 Os perversos dificultosamente se corrigem, e o número dos insensatos é infinito.

(*Bíblia Sagrada - Antigo Testamento. Livro do Eclesiastes, I, 1-15. 1952.*)

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS

Vivemos com vaidade, e com vaidade morremos; arrancando os últimos suspiros, estamos dispondo a nossa pompa fúnebre, como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para ocupação: nessa hora em que estamos para deixar o mundo, ou em que o mundo está para nos deixar, e entramos a compor e a ordenar o nosso acompanhamento e assistência funeral; e com vanglória antecipada nos pomos a antever aquela cerimônia, a que chamam as nações últimas honras, devendo antes chamá-la vaidades últimas. Queremos que em cada um de nós se entregue à terra, com solenidade e fausto, outra infeliz porção de terra: tributo inexorável! A vaidade no meio da agonia nos faz saborear a ostentação de um luxo que nos é posterior, e nos faz sensíveis as atenções que hão de dirigir-se à nossa insensibilidade. (...)

De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade; e se esconde de tal forma, que a si mesma se oculta e ignora: ainda as ações mais pias nascem muitas vezes de uma vaidade mística, que quem a tem não a conhece nem distingue: a satisfação própria, que a alma recebe, é como um espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obramos, e nisso consiste a vaidade de obrar o bem.

Não há maior injúria que o desprezo; e é porque o desprezo todo se dirige e ofende a vaidade; por isso a perda da honra aflige mais que a da fortuna; não porque esta deixe de ter um objeto mais certo e mais visível, mas porque aquela toda se compõe da vaidade, que é em nós a parte mais sensível. Poucas vezes se expõe a honra por amor da vida, e quase sempre se sacrifica a vida por amor da honra. Com a honra que adquire, se consola o que perde a vida; porém o que perde a honra, não lhe serve de alívio a vida que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra, que para terem vida, ou fossem formados menos para existirem no ser, que para durarem na vaidade. Justo fora que amassem com excesso a honra, se esta não fosse quase sempre um desvario que se sustenta na estimação dos homens, e só vive da opinião deles.

(Matias Aires Ramos da Silva de Eça. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. 1953.)

19. (UNESP 2006 - ADAPTADA) Alguns pronomes apresentam-se como anafóricos, isto é, referem-se a um sintagma nominal que os antecede no enunciado, como é o caso, por exemplo, do pronome pessoal do caso oblíquo “a” (empregado antes de “publiquei”), que se refere a “a reportagem” no período “Você me enviou com atraso a reportagem, e por isso eu não a publiquei logo”. De posse desta informação, Indique o núcleo do sintagma nominal a que se refere o pronome “as” empregado antes da forma verbal “pode” no versículo 8 do fragmento do Eclesiastes;

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,

Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.

Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.

Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir

Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.

(MENDES, Murilo. "História do Brasil, XLIII".

In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

20. (UNESP 2002 - ADAPTADA) No verso "A prestação ou sem ela", o pronome pessoal do caso reto "ela" faz referência ao antecedente "prestação". Fundamentado nesta informação e neste exemplo,
- aponte o antecedente a que se refere o pronome "as" no seguinte período de "Oração aos Moços": "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado.";
 - ainda considerando o período "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado", identifique a função sintática exercida pelo pronome "as" e por seu antecedente nas respectivas orações de que fazem parte.

GABARITO

- | | | | | |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. E | 2. D | 3. A | 4. D | 5. B |
| 6. B | 7. E | 8. C | 9. B | 10. D |
| 11. D | 12. A | 13. B | 14. C | 15. D |

16. O pronome pessoal é "ela".
No trecho "Todo dia, a língua portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos, e que *ela* acolhe como filhos" isso fica evidente, uma vez que o *ela* destacado pode ser substituído por "a língua portuguesa".
17. a) Peripécias e desfechos.
b) Plural + singular = pronome pessoal no plural
Feminino + masculino = pronome pessoal no masculino.
18. Com as alterações solicitadas, a frase seria: Vi-o catando-a.
19. O pronome oblíquo átono "as" refere-se ao sintagma nominal "as coisas".
20. a) O antecedente a que se refere o pronome "as" é "certas situações".
b) O pronome "as" desempenha a função sintática de objeto direto da forma verbal "tenho resignado".